RICARDO AMORIM

A questão de casualidade no descobrimento do Brasil

(THESE DE CONCURSO PARA O PROVIMENTO DA CADEIRA DE HISTORIA DO BRASIL DO GYMNASIO AMAZONENSE PEDRO II, DE ACCORDO COM O ART. 153 DO DECRETO FEDERAL N. 16.782-A, DE 13 DE JANEIRO DE 1925.)

SECÇÃO DE OBRAS DA IMPRENSA PUBLICA
MANÁOS
1926

PROPOSIÇÕES

— I —

A prioridade do conhecimento das terras occidentaes, como da concepção continental da America, pertence aos portuguezes. A concepção cosmographica de Colombo excluia a existencia da America.

— II —

Os embaixadores de D. João II, assignando o Tratado de Tordesillas proclamaram a illusão hespanhola e affirmaram indelevelmente a sciencia cosmographica portugueza do seculo XV.

— III —

O desvio de Cabral na róta da India obedeceu a um acto proposital com objectivo de firmar o dominio portuguez nas acquisições do Tratado de Tordesillas.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO TYRANGA MONTEIRO

I

EL LEVANTE POR EL PONIENTE

Ao alvorecer de 6 de março de 1493, fragil caravela mostrava ao longe, á fóz do Tejo, a sua vela branca. E' a do capitão genovez Christovão Colombo que, em 12 de outubro do anno anterior, tendo effectuado, no occidente atlantico o descobrimento da ilha *Guanahani*, como lhe chamavam os naturaes, e por elle denominada S. Salvador, bem como o das ilhas de *Cuba* e *Haiti*, esta ultima tambem por elle baptisada com o nome de *Espaniola*, todas fazendo parte do archipelago das Bahamas ou Lucuyas, triumphante regressava a Palos com a nova alviçareira do augmento dos dominios de Castella.

O heroico genovez vinha convicto de, na sua viagem transatlantica, haver descoberto as ilhas anteriores e adjacentes á opulenta *Cippangu* (Japão) vizinha de *Mangi Katay* (China) no continente asiatico.

Estas regiões asiaticas apresentavam-se então ao espirito popular como constituindo um paiz maravilhoso a que o mysticismo de epoca accrescentava os maiores encantos, as mais fabulosas riquezas, proclamadas no livro *As maravilhas do Mundo*, relação das viagens de Marco Polo, rico negociante veneziano que, tendo obtido a protecção de Kuhlayn-Khan, em 1265, poude percorrer, com intuitos mercantis, as mais ricas e populosas cidades da Asia, chegando á China e ao Japão e viajou o oceano Indico, visitando diversas das suas ilhas, narração de viagens que esse negociante ditou voltando á Euro-

pa e quando prisioneiro dos genovezes na guerra com Veneza (1298-1300), e que publicada, nos seculos XIV e XV logrou grande popularidade.

A' esta relação de viagem se deve accrescer a de sir John Mandeville, celebre viajante inglez que, em 1322, visitou grande parte dos paizes orientaes e tambem publicou uma relação de suas viagens *Voyages and travels, by sir John Mandeville*, livro que, como o precedente, abundava em historias absurdas, inverosimiveis e incoherentes, e que, no entretanto, exercia benefica influencia no espirito contemporaneo, predispondo natural e insensivelmente o homem para as arrojadas tentativas de descobrimentos terrestres e maritimos.

No seu arrebatamento de mystico medieval, mantinha-se Colombo na confortadora illusão de haver executado o projecto, desde tantos annos sonhado sob a influencia da *Imago Mundi*, de Piérre d'Ailly e do estimulo do sabio Paolo del Pozzo Toscanelli — *de attingir a India oriental navegando directamente do oriente para o occidente atlantico*, ou conforme a expressão caracteristica desse pensamento—*el levante por el poniente*.

Constrangido por uma segunda tempestade, posto que antes uma outra o arrojára á ilha de Santa Maria dos Açores, o glorioso capitão arribou com a sua caravela a Portugal, vindo a aferrar no porto de Lisbôa.

Reinava ainda em Portugal o monarcha D. João II, da dynastia de Aviz, que, annos antes, apoiado nos pareceres dos seus astronomos e homens de sciencia, regeitára o projecto do heroico genovez—"por não apresentar novidade nem immediato interesse".

Estava El-Rei em Valparaiso, villarejo a nove léguas da capital, quando soube da inesperada chegada de Colombo. Pressuroso permittiu que elle fosse á sua presença e o recebeu com affabilidade, interessado em conhecer os pormenores do retumbante feito, coberto com a bandeira dos Reis Catholicos d'Aragão e Castella, consagrador d'um dos mais famosos heroes do seculo XV.

Sem animadversão, conversou longamente sobre os resultado e incidentes da aventurosa expedição e pediu-lhe informações das terras descobertas e de suas gentes.

Colombo procurou satisfazer os desejos regios, mas não soube conter as explosões do seu orgulhoso jubilo, e porque se julgasse justamente melindrado pela attitude de D. João II, quando da regeição do seu projecto, n'aquella opportunidade, entendeu desafogar a velha magua que lhe estuava no peito, imprimindo á sua narração a mais desmedida jactancia, o que irritou gravemente aos fidalgos da côrte que se mostraram resolvidos a exercer contra elle violentissima represalia.

El-Rei, porem, mostrando grande calma de animo, não estimulou tal disposição, e ao concontrario, cumprindo o seu dever de hospitalidade, cercou o genovez das mais captivantes attenções, vendo e examinando, com o mais vivo interesse, os curiosos trophéos que elle exhibia —"alguns indios escravisados e algumas aves exoticas".

"Ao despedir o seu extraordinario hospede El-Rei insinuou, mansamente, que esses novos dominios deviam estar comprehendidos na zona pertencente á Corôa Portugueza, em virtude de ajustes solemnes celebrados com os Reis de

Castella. Colombo limitou-se a declarar que ignorava a existencia de semelhantes tratados (A. G. de Araujo Jorge — Cap. da *Historia Diplomatica do Brasil* — Rev. Americana, janeiro, 1917).

O ardego genovez voltou livremente para a Hespanha que, certamente, vibrando de intenso jubilo, glorificou o seu heroe.

II

O TRATADO DE TORDESILLAS

Fernando e Izabel, os Reis Catholicos de Castella e Aragão, uma vez informados dos resultados da expedição de Colombo, cuidaram immediatamente de incorporar aos seus dominios soberanos as novas terras descobertas, com que a Fortuna, dadivosa, lhes acabava de brindar. Logo recorreram á Curia Romana, n'aquelle tempo o arbitro dos principes catholicos, pedindo a sancção dos seus direitos á essas terras que tambem estavam patenteadas á christandade.

Alexandre VI, o Papa hespanhol, não hesitou um momento em conceder quanto lhe éra pedido. No dia 3 de maio de 1493, expediu o Breve—*Inter Coetera et Eximiae Devotionis* — pelo qual assegurava a Fernando, de Castella e a Izabel, de Aragão, que tinham unificado a Hespanha no thalamo, o dominio pleno—*omnes insulas et terras firmes inventas et inveniendas, detectas et detegendas versus occidentem et meridiem* . . .

No dia seguinte, por um novo Breve que restringia as concessões exorbitantes do anterior, decretava que as concessões hespanholas abrangiam apenas as terras ao poente de uma linha

meridiana, traçada a 100 leguas ao oeste e ao sul das ilhas dos Açores e Cabo-Verde—*quae linea distet a qualibet insolarum quae vulgariter nuncupantur de los Azores y Cabo-Verde centum leucis versus occidentem et meridiem* ...

A se acreditar em certo chronista, o Papa, apoiado no mappa de Cosmas Indicopleustes, estava convicto de que—quanto mais andassem os portuguezes para Leste e os hespanhoes para Oeste, menos perigo haveria de se encontrarem.

Estes Breves que restringiam ou mesmo annullavam outros mais vantajosos que por varios pontifices, notadamente por Nicoláu V ... (1454) e Calixto III (1456), haviam sido concedidos a Portugal, como compensação dos serviços prestados á christandade por alguns principes da dynastia de Aviz, despertaram a D. João II que, resolutamente protesta contra a partilha magnanima do pontifice hespanhol, e não sendo attendido, preparava-se para provar a sorte da guerra nos proprios mares das regiões novamente descobertas.

Sabedores das occorrencias, os soberanos hespanhoes apressaram-se a enviar a D. João II uma embaixada encarregada de encaminhar tudo pelos meios amigaveis, embora os Reis Catholicos tivessem que ceder uma parte do que lhes outorgára a bulla pontificia. Para bem da humanidade a paz foi mantida, chegando as duas côrtes rivaes a um entendimento, para effectividade do qual nomearam-se, de parte á parte, plenipotenciarios para uma convenção reguladora dos limites dos futuros dominios de ambos os paizes.

A 7 de junho de 1494, com effeito, depois de rapida discussão foi o tratado assignado pelos representantes dos dois Estados em Torde-

sillas, cidade da vetusta Castella, proxima a Valladolid.

Por esse Tratado, que foi ratificado em Arevolo, aos 2 de junho, em Setubal aos 5 de setembro, d'aquelle anno, a linha definitiva da demarcação deveria correr a 370 léguas ao oeste do archipelago de Cabo-Verde, de sorte que todas as terras encontradas ao oriente deste meridiano pertenceriam a Portugal e as que estivessem ao occidente caberiam á Hespanha.

Não acceitando o Papa a theoria da espheri-cidade da terra, presumia estarem assim cabalmente acautelados, contra quaesquer riscos eventuaes, os interesses dos Reis Catholicos.

A intelligencia das clausulas do Tratado, logo em principio, originaram uma série de difficuldades. Uma dellas consistia na determinação de qual das ilhas do archipelago de Cabo-Verde deveria servir, preferencialmente, de base de partida para o calculo das 370 léguas, pois o Tratado ao envez de designar um ponto se referia a todo o archipelago, quando éra sabido que a mais oriental dessas ilhas dista mais de 4 graus da mais occidental.

"Os peritos que deviam fixar a linha divisoria e determinar exactamente a zona pertencente á jurisdicção de cada paiz, divergiam nesse particular, pretendendo uns que a medição deveria começar pela mais central dessas ilhas, outros pela mais oriental, e os terceiros, mais judiciosos, optavam pela mais occidental do grupo" (*Recueil complét des Traités*—Charles Calvo—vol. I, pags. 190-262).

Estando assim os peritos em desaccordo, não foi possivel ter realização pratica o dispositivo do Tratado que obrigava as duas côrtes a reunir na Grande Canaria, dentro de dez mezes,

da sua assignatura, os peritos—astronomos, navegadores e geographos—para a determinação da divisoria desses dominios no occidente atlantico.

Uma outra divergencia versava sobre a avaliação do gráu em léguas, para a contagem das 370 a que se referia o Tratado, cujos calculos não podiam deixar de variar com os calculadores.

Nos manuaes antigos, tanto portuguezes como hespanhoes, encontra-se a avaliação do gráu em 16 2|3 léguas, 17 1|2 léguas. Só em 1505 é que o piloto portuguez Duarte Pacheco, no *Esmeraldo de Situ Orbis* (cap. 2.º, Primeiro Livro, ediç. da Sociedade de Geogr. de Lisbôa—1905) adopta um valor mais exacto, calculando para o gráu 18 léguas. O gráu, segundo esse celebre piloto, éra pois (18x4x1480m) 106,k56 com um erro apenas de 4°|°.

Conhecido o numero de léguas contidas n'um gráo de circulo maximo terrestre, podia-se determinar quantas léguas correspoderiam ao gráu dos differentes parallelos, os quaes vão diminuindo com o coseno da latitude, desde o equador aos pólos.

Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) na sua Hist. Geral do Brasil, 2.ª edição vol. 1, pag. 39, fazendo a contagem das 370 léguas, a partir do ponto mais occidental do grupo de Cabo-Verde, demonstra que o meridiano de demarcação viria cair — "*um pouco mais ao oeste do do Pará e da Laguna*, porto do Estado de S. Catharina, na hypothese pouco favoravel para o Brasil de serem essas léguas das16 2|3 ao gráu, e não de 15 como as contavam Colombo, Vespucio e outros navegantes".

Não é estranho, portanto, que só trinta an-

nos depois, a questão das fronteiras, ajustadas em Tordesillas, voltasse á ordem do dia com a discussão relativa ás Molucas, grupo de ilhas na Malasia, celebre na historia do seculo XVI.

Em virtude de novo accordo resultante, assignado em Saragóça, a 22 de abril de 1529, pelo imperador Carlos V, a linha divisoria foi transferida para 17 gráus á leste das Molucas, pasando desde então pelas ilhas Velhas, hoje Mariannas ou dos Ladrões, na Micronesia.

Durante o seculo XV nunca os hespanhóes e portuguezes se reuniram para a determinação definitiva do ponto, a partir do qual se deveriam contar as 370 léguas do Tratado, operação que, nessa epoca éra mesmo impossivel, porque não se havia ainda descoberto terra alguma situada na linha divisoria, como foi exigido pela carta suppletiva dos Reis Catholicos, de que mais de espaço trataremos.

III

PONTO DE VISTA PORTUGUEZ E HESPANHOL NAS NEGOCIAÇÕES DIPLOMATICAS EM TORDESILLAS E AS ACQUISIÇÕES PORTUGUEZAS

Muito antes da discussão e assignatura do Tratado em Tordesillas já se presumia em Portugal da existencia de terras firmes na parte septentrional e meridional das ilhas descobertas por Colombo.

Na parte septentrional os portulanos de Andréa Bianco (1436) de Pareto (1455) de Benincasa (1482) e a poma de Behaim (1492) mencionavam no occidente atlantico, se bem que com

variantes das coordenadas geographicas, á ilha *Antilia*, nomenclatura que a cartographia propriamente portugueza conservou sobrepondo-a á nomenclatura colombina.

Americo Vespucio, foi quem primeiro identificou as ilhas Bahamas ou das Lucayas, descobertas por Colombo, com as Antilhas, quando na sua *Quartuor Navigationes*, viajando com o piloto Juan de la Cosa, companheiro de Colombo, assim se exprimiu:— *Ob plurimarum rerum nostrarum indigentiam venimus ad Antigliae insulam* . . .

Paolo del Pozzo Toscanelli, em sua primeira carta de 25 de junho de 1774, dirigida ao conego Fernão Martins, falla da ilha Antilia, nestes termos:—"*E dall' isola di Antilia, che voi chiamate di sette citta, della quale havete noticia*, fino alla nobilissima isola di Cipango sono dieci spatii che fanno due mila e cinquecento miglia, cioé dugente e venticique leghe: la quale isola é fertilissima d'oro, di perle, e de pietre pretiose" (Texto italiano, segundo a versão de Fernando Colombo nas *Historie dell' Ammiraglio*, ediç. de 1571).

Por este topico transcripto se verifica a identidade da ilha das Sete Cidades a que se refere Las Casas na sua *Historia das Indias*, com a *Antilia* ou Antilha, universalisada pela cartographia portugueza.

Os portuguezes não ignoravam essa identificação, conforme se deprehende das doações feitas, em 1475, a Fernão Telles, como ampliação a do anno anterior, das ilhas povoadas — "*por o dito Fernão Telles ter vontade de as mandar buscar*"; em 1486, quando D. João II confirma o contracto feito entre Fernão Dulmo o *que ora vay descobrir a ilha das Sete Cidades*"

e João do Estreito, morador na Madeira "acerca de *ilhas e terras firmes que achassem*".

Em 1472-1474, João Vaz Corte Real e Alvaro Martins Homem haviam feito o descobrimento da Terra Nova dos Bacalháus na lat. de 50° N., a mandado d'el-rei de Portugal, consoante os depoimento, do padre Cordeiro (*Historia Insulana*) de Damião de Góes (*Chronica do F. Rey D. Manoel*), de Antonio Galvão (*Descobrimentos Antigos e Modernos*), de Henry Harrice (*Les Corte-Real et leurs voyages au noveau monde*, de Bartholomeu de Las Casas (op. cit.).

No anno de 1485, D. João II, de accordo com o parecer de seus astronomos e homens de sciencia, recusa a proposta de Colombo que se proponha attingir a India navegando para o occidente atlantico directamente. Esta recusa que accentuou — não apresentar o projecto novidade nem immediato interesse — revelou, pois, que a côrte portugueza já previa a impossibilidade de sua execução pela presumpção ou conhecimento positivo da existencia de terras continentaes entra a India oriental e a Europa occidental, no Mar Tenebroso.

Para D. João II e os seus portuguezes, nautas, cosmographos e homens de sciencia, é a ilha das Sete Cidades que está situada no occidente atlantico e não a de Cippangu, como pretendia Colombo — Entre a Asia e a Europa se presumia a existencia de terras firmes ou continentaes e por isso, anteriormente ao projecto de Colombo, em 1474, o monarcha portuguez já havia recusado a proposta semelhante de Paolo del Pozzo Toscanelli que tambem insinuava a viagem transatlantica para as Indias, precisamente quando em Portugal se faz a concessão a Fernão Telles das ilhas que mandar descobrir;

quando se regulamenta o transito maritimo; quando se ampara as construcções navaes por meio de legislação especial; quando, emfim, é ampliada a anterior concessão feita a Fernão Telles — *abrangendo as ilhas povoadas no oceano Atlantico.*

Em seculos anteriores aos descobrimentos de Colombo já a America septentrional éra conhecida pelos scandinavos e normandos, tendo aquelles arrojados navegadores desembarcado por vezes nas costas do Labrador, consoante as vivas tradições que a tal respeito existiam nos seculos IX-XI (Carlos Christiano Rafn —*Memoria* apresentada á Sociedade dos Antiquarios de Copenhague).

Essa tradição accrescenta que Madoc, de Galles, emprehendera varias expedições com o rumo do occidente, e n'uma dellas descobrira um magnifico e immenso paiz. Voltando á patria reunira os parentes e alguns amigos, com elles partira para aquella região afim de fundar uma colonia.

O irlandez Ari Marson lançado pelo mar ás praias americanas, em 983, denominou a região a Grande Irlanda.

Cerca do anno 1000 teve logar a expedição de Leif Erison Thorfinn Karlsefen que succedeu a este, e de seu filho Snorro, nascido na America, descendiam os celebres bispos de Irlanda — Thorlak, Bioern e Brand, bem como o juiz Hank.

Bjarn Herinlfson, islandez, em 985, indo a procura de seu pae que se transportara para a Groenlandia (terra verde) devido a uma tempestade, descobriu, a sudoeste, terra plana situada na America. Voltando á Groenlandia e reunido a Leif, filho de Erik, apparelham um

navio e partem ambos com destino á essa região descoberta.

Encontram a terra procurada, e levados pelas maravilhas da natureza, proseguem em seus descobrimentos, dando aos logares descobertos os nomes de *Helluland* (Terra Nova) *Markland* (Nova Escocia) *Vinland* (Rhodes-Island).

Nas bullas pontificias do anno de 835 se faz menção da Groenlandia. Humboldt attribue a marinheiros islandezes uma inscripção que se encontra nas ilhas do mar de Baffin, aos 72 gráus de latitude e que remonta ao seculo XII (1135).

E assim como a parte septentrional da America foi conhecida desde tempos remotos, o foi tambem a parte meridional.

Entretanto, deixaremos a margem, por conjecturaes, os registros cartographicos de Pizzigani, Orontius Tinoeus e de Munster, acerca da *Insula Sancti Brandoni*, que Humboldt considera mytho geographico e da *Insula Brasilis*, que talvez não passe, desses logares communs que ainda hoje são conhecidos por esse nome, tal como uma rocha na ponta meridional da Irlanda ou um monte junto de Angra, na Ilha Terceira.

H. Yule Oldham, professor da Universidade de Cambridge, em artigo publicado no *Geographical Journal*, assevera que no mappa de Andréa Bianco, confeccionado em 1436, e conservado na Bibliotheca de S. Marco, em Veneza, estão indicados os descobrimentos feitos pelos portuguezes, alem das ilhas de Cabo-Verde, a ilha do Brasil, a 1.500 milhas a oeste, sobre a qual em 1447 foi ter um navio portuguez, como se vê nos *Descobrimentos do Mundo*, obra publicada por Galeno.

Cezar Cantu, analysando essa carta geogra-

phica de Andréa Bianco, assim se expressa: — " ...*se trouve indiqué precisement sous le nom de Brasil une ile située dans l'Atlantique! Ce monde—lá ne serait donc nouveau que pour nous qui ne le connaissions pas*". (Hist. Universelle, Paris, 1843, tit. I, pag. 157).

São conhecidas tambem as referencias feitas a Colombo por Affonso Sanches, o qual andando em uma caravela, de Lisbôa para a ilha da Madeira, em 1486, chegou depois a descobrir um novo paiz para o occidente.

Gaspar da Madre de Deus, pretendendo reivindicar para João Ramalho a gloria do descobrimento do Brasil, lembra o facto de este portuguez, no acto de fazer o seu testamento, escripto em S. Paulo, a 3 de maio de 1580, declarar, sem que algum dos circumstantes lhe advertisse, *que havia noventa annos que estava no Brasil*, do que concluiu que os portuguezes assistiram nesta parte da America cerca de oito annos antes do conhecimento do Novo-Mundo na Europa transmittido por Colombo.

Pelos commentarios, amplamente feitos por Simão de Vasconcellos, ás cartas do padre Nobrega, pretenderam os jesuitas essa prioridade para São Thomé a quem attribuiram milagres que desafiavam a incredulidade, e que faziam constar haviam sido transmittidos pelos indios. (*Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, Liv. II, paragrapho 18 e segs.).

A pretenção hespanhola, por sua vez, reivindica para si a prioridade do descobrimento do Brasil, se bem que taes descobrimentos sejam para os hespanhóes parciaes. Assim affirmam Vicente Yanez Pinzon, ajudado do seu sobrinho Arias Pinzon, sahiu do porto de Palos em dezembro de 1499, passou as Canarias e Cabo Verde, e

seguindo o rumo de sudoeste, em 20 ou 26 de janeiro de 1500, descobriu o cabo de Santo Agostinho que chamou de *Santa Maria de la Consolacion*. Ahi desembarcando, solemnemente tomou posse da terra em nome da corôa de Castella (Martin Fernandez Navarrete—*Coleccion de las viages y descobrimientos que hicieram por mar los espanoles*—tom. 3, n. 13, pag. 18).

A este nauta hespanhol seguiu-se Diogo de Leppe que avistou o continente junto do cabo de Santo Agostinho a que deu o nome de *Rostro Fermoso*, e dobrando o cabo seguiu viagem até Pária (Navarrete, op. cit.).

Entre esses hespanhoes que se propuzeram a arrostar com as aventuras do desconhecido e os mysterios do Mar Tenebroso, e que se arrolam como precursores de Cabral, se contam Alonso de Hojeda, fidalgo que fôra da casa do duque Medina Coeli e que havia sido companheiro de Colombo na segunda viagem deste navegador á *Cippangu*. Hojeda deixou o porto de Santa Maria com quatro navios, possivelmente na primavera de 1499, com destino ao Novo-Mundo.

No seu depoimento constante das *Probanzas del fiscal*, no processo intentado por Diego Colombo, pretende Hojeda ter viajado, segundo sua expressão "*casi dozientas leguas*" da costa antes de chegar ás terras firmes de Pária.

Humboldt é de parecer que Hojeda, tal qual Colombo, não chegou a ver a verdadeira fóz do Orinoco, a Bocca Grande ou Bocca dos Navios, e não ultrapassou os alagadiços de Pária (*anegados*) no delta do Orinoco, cuja torrente irrompe por uma fóz de mais de 30 kilometros de largo, entra impetuosamente no Oceano, tornando as aguas dôces em distancia superior a cinco léguas, maravilhoso phenomeno que teria sido

referido por Hojeda se apenas o tivesse entrevisto (*Examen Critique*, tom. V, pag. 161—*nota*).

Um outro argumento confirmativo de que Hojeda não ultrapassou, e nem mesmo entreviu, o delta do Orinoco se encontra no *Termo das Capitulações*, de 5 de setembro de 1501, assignado por Pinzon e publicado em 1859 no tomo XXII da Rev. trimestral do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro e por Caetano da Silva na sua obra *L'Oyapoc et l'Amazone*, pag. 422, 2.ª ed.,—onde os Reis Catholicos dão como tendo sido descoberto por Pinzon um trecho da costa entre *Santa Maria de la Consolacion* e o rio grande *Santa Maria del mar dulce*, e d'ahi em deante até o cabo de S. Vicente.

O *mar dulce* a critica-historica demonstra não ser o Amazonas, mas o Orinoco, facto que apenas referimos porque a moldura deste trabalho não nos permitte maior desenvolvimento do assumpto.

Se os Reis Catholicos attribuem este descobrimento a Pinzon, segue-se que Hojeda foi excluido pelo seu predecessor.

Munõz, firmado na declaração do piloto Juan Rodrigues Serrão, affirma ter Alonso Vellez de Mendoza navegado para o Brasil em 1499, no que é peremptoriamente contestado por Navarrete.

Nestas condições a pretenção hespanhola que, quasi na sua integridade encontrou em Navarrete o seu grande paladino, está hoje desintegrada da Historia, e a nenhum dos seus quatro navegadores póde ser imputado o facto do descobrimento do Brasil primitivo. São elles considerados, portanto, falsos precursores de Cabral.

Os italianos, no presupposto de decidir da questão entre portuguezes e hespanhóes, reivin-

dicam essa prioridade na pessoa do famoso florentino Americo Vespucio que, segundo Bossi, "fez viagem *por ordem* da côrte de Portugal, que foi então quando descobriu o Brasil, honra que os hespahóes lhe disputam, e que os portuguezes attribuem ao seu compatriota Pedro Alvares Cabral, em 1500" (*Vida de Colombo*, trad. franceza, 1824).

Esta affirmativa, porem, pecca por leviana. Vespucio nunca descobriu cousa alguma e muito menos o Brasil.

O que se sabe hoje a respeito desta viagem de Vespucio, é o que se contem na *Lettera*, por elle proprio escripta, em 1505, narrando a sua 2.ª viagem, na qual, entre outras affirmativas, diz "*ter aportado a uma nova terra, situada dentro da zona torrida e fóra da linha equinocial, para a banda do sul. Sobre elle se eleva o polo meridional 5 gráus . . . Os dias éram iguaes ás noites, porque arribamos a 27 de junho, quando o sól está perto do tropico de Cancer*".

A *Lettera*, em cujo texto se nota a contradicção da data, erro no calculo das coordenadas geographicas, exaggero de extensão, inverosimelhança na narrativa, não traduz fielmente os factos; se bem que, no fundo desse documento, haja concordancia no que diz o florentino com o que se conhece da viagem de Hojeda (maio de 1499—Setembro de 1500), pelo que parece indubitavel que Vespucio foi um dos companheiros de Hojeda, na exploração que este levou a effeito nessa data.

E' o proprio Hojeda quem confirma este asserto, quando respondendo, em 1513, ao interrogatorio do procurador fiscal de Castella, declarou ter levado comsigo na viagem de 1499 a *Juan*

de la Cosa, piloto, Emerigo Vespuch (Americo Vespucio) *e outros pilotos.*

Vespucio, porem, nesta viagem, ia aggregado á expedição como mercador, com intuitos mercantis, e a prova disto está na procuração, datada de 14 de maio de 1499, existente no Archivo General de Protocollos de Sevilha, na qual se intitula, nas vesperas da viagem, de *mercador florentino* (Rodolpho Schuller—*O mappa mais antigo do Brasil,* no Jornal *O Imparcial,* do Rio 27—maio—1914).

No anno de 1498 (30 de maio) sahiu Colombo de S. Lucar de Barrameda para a sua 3.ª viagem ao occidente atlantico. Nessa viagem, ao deixar o porto de Santhiago, de Cabo-Verde, como refere Bartholomeu de Las Casas, tinha a intenção de *ver qual éra la intincion del rey D. Juan de Portugal que decia que al Austro habia tierre firme; y por esto dice que tuvo diferencias con lons reys de Castilla,* y en fin, dice que se concluyó que el rey de Portugal hobiesse 370 leguas de las islas de los Azores y Cabo Verde, del Oeste al fin del Norte, de polo a polo; y dice más, que tenia el dicho rey *D. Juan por cierto, que dentro de sus limites habia de hallar cosas e tierras famosas.* Venieronle á ver ciertos principales de aquella isla de Santiago, y dijeronle que *al sudoeste* de la isla del Fuego, que és una de las mismas de Cabo-Verde, que está desta 12 léguas, *se veia una isla,* y que el rey *D Juan tenia gran inclinacion de enviar á descobrir al sudoeste...*"

Vê-se deste depoimento de Colombo, cujos articulados griphamos para maior relevo dos factos narrados, que D. João II, não ignorava a existencia de *terras firmes e famosas no Austro* e que tinha grande inclinação de mandar desco-

bril-as. Colombo, por sua vez, tinha desejo de verificar pessoalmente a realidade dessa affirmativa, mas em consideração de clausula prohibitiva da convenção de Tordesillas, navegou com o rumo de oeste e aportou á terra de Pária, situada no hemispherio attribuido á Castella.

No Tratado de Tordesillas tambem se havia estipulado que, dentro de 10 mezes, da sua assignatura, 2 ou 4 caravelas conduziriam commissões mixtas de technicos dos dois paizes para localização do meridiano divisorio, a 370 léguas das ilhas do Cabo-Verde.

Reconhecendo-se depois que éra impossivel a execução dessa determinação antes que se conhecesse alguma terra nessa distancia, foi estabelecido que—"Se esperará o descobrimento, por algumas das partes contractantes, de ilha ou terra que pareça situada na linha divisoria, e mandando que a parte que tal achar, requerer da outra que se vá proceder a demarcação, assim se procederá dentro de dez mezes, contados da data do requerimento, e no caso de se verificar que não está na linha a região achada, far-se-á a declaração da distancia a que della jáz, e nunca deixará de fazer-se declaração semelhante em qualquer ilha ou terra encontrada nas suas proximidades" (Carta Supplementar dos Reis Catholicos, de 7 de maio de 1495).

D. João II, por motivos originados de cubiça de seus concorrentes, preferiu guardar o segredo das suas previsões, mas essa situação, pouco defensavel, não se poderia prolongar indefinidamente. Tendo evitado nas negociações diplomaticas, epilogadas em Tordesillas, que ficassem na posse da Hespanha as terras do occidente atlantico, de cuja existencia presumia ou tinha conhecimento, e que se achavam ao occidente do

caminho que estava abrindo para as Indias, necessario éra operar o seu reconhecimento, mas a Morte veio oppor os seus inflexiveis embargos á tão justa pretenção.

D. Manoel, o seu successor, perfeitamente informado de todos os planos de D. João II, não hesitou em ordenar esse e outros reconhecimentos no oceano Atlantico. E assim, em 1497, Vasco da Gama é mandado a levar a termo o caminho das Indias, commandando temerariamente uma esquadrilha de tres velas. No anno seguinte é enviado Duarte Pacheco, cavalleiro da casa de D. Manoel e capitão da immediata confiança regia, *"a tomar conhecimento das terras occidentaes que poderiam servir de escala no caminho do Oriente e certificar-se quaes tinham sido as acquisições do Tratado"*.

Facil é de avaliar, nesta situação incerta, a anciedade em que se debate o throno portuguez cujos destinos se jogava nestes dois lances extremos.

Vasco da Gama, porem, regressa de sua viagem transportando as ambicionadas premissas das opulencias indianas, os maravilhosos productos pela primeira vez transportados, por via maritima, á Lisbôa.

Duarte Pacheco, cumprindo á risca a secreta missão que lhe fôra confiada, trouxe tambem ao Rei Venturoso a certeza da existencia *de uma tão grande terra firme*, dentro da zona marcada pelo Tratado de Tordesillas, ao occidente do archipelago de Cabo-Verde, como resulta do seguinte texto do *Esmeraldo de Situ Orbis*, onde Duarte Pacheco, em palavras discretas, revela fielmente toda a verdade:

"... e portanto, bem aventurado Principe, temos sabido e visto, como no terceiro anno do vosso reinado do anno de N. S. de 1498, *donde nos vossa Alteza mandou descobrir a parte occidental, passando além a grandeza do mar Oceano, onde é achada e navegada huma tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella*, que se estende a 70° de ladeza da linha equinocial contra o polo artico, e posto que seja assáz fóra, é grandemente povoada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez, e vae alem em 28°1|2 de ladeza contra o polo antartico, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo della, pela qual, segundo a ordem que leva, é certo que vae em circuito por toda a redondeza — assim que temos sabido que, das praias e costa do mar destes Reinos de Portugal e do Promontorio de Finisterra e de qualquer outro logar da Europa e d'Africa, atravessando alem todo o Oceano direitamente a occidente, ou a Oeste segundo a ordem de marinharia, *por* 36° *de longura, que serão* 648 *leguas de caminho, contando a* 18 *leguas por gráu, e ha logares algum tanto mais longe,—é achada esta terra*, navegada pelos navios de vossa Alteza e por vosso mandado e licença, o dos vossos vassallos e naturaes; e indo por esta costa sobredita, do mesmo circulo equinocial em deante, *por* 28° *de ladeza contra o pólo antartico, é achado nella mui-*

to e fino brasil, com outras muitas coisas de que os navios nestes Reinos vem grandemente carregados" (cap. II, liv. I).

Por esta transcripção se vê que as presumpções de D. João II, ao tempo em que dirigiu as negociações diplomaticas do Tratado de Tordesillas, foram plenamente confirmadas em 1498 por Duarte Pacheco, predecessor de Cabral, que effectuou o reconhecimento secreto da parte meridional do Novo-Mundo, "que se extende a 70° de ladeza da linha equinocial contra o polo arctico e vae além em 28° de ladeza contra o polo antarctico—á distancia de 648 leguas de caminho", ou seja muito mais proxima das costas occidentaes da Europa e Africa do que as ilhas descobertas por Colombo, de modo que ficaram essas terras comprehendidas na zona das 370 leguas ao occidente do archipelago de Cabo-Verde.

Este facto levou o historiador patricio, João Ribeiro, a affirmar "que o Brasil foi para os portuguezes uma dadiva da sua diplomacia".

A expedição secreta de Duarte Pacheco, de reconhecimento das terras do occidente atlantico, comprovada pelo texto transcripto do *Esmeraldo de Situ Orbis,* se effectuou entre as 2.ª e 3.ª viagens de Colombo (na sua 3.ª viagem Colombo saiu de S. Lucar de Barrameda a 30 de maio de 1498 logo, antes que o heroico genovez avistasse a terra firme de Pária, ou seja quando ainda Colombo imaginava estar navegando nos mares asiaticos, já Duarte Pacheco havia verificado a continentalidade do Novo-Mundo.

O mappa mais antigo, que com prioridade regista os descobrimentos dos hespanhóes até meiados de 1500, é o de La Cosa. Este mappa,

porem, figura o Brasil como uma ilha, pelo que se vê que a continentalidade da America éra para este cartographo cousa completamente estranha. Colombo mesmo manteve até a sua morte a concepção de que as terras que descobrira éram uma projecção do continente asiatico.

Em summula, desta ligeira analyse do Tratado de Tordesillas, que é uma primeira grande prova da concepção portugueza da continentalidade da America, somos natural e logicamente levados a uma triplice conclusão:—1.ª— que ao N. e ao S. das ilhas descobertas por Colombo se presumia a existencia de outras terras; 2.ª — que essas terras ou uma parte dellas, se projectavam para o oriente em situação longitudinal muito mais proxima das costas occidentaes da Europa e da Africa do que as ilhas descobertas por Colombo de modo a ficarem comprehendidas na zona das 370 leguas, ao occidente do archipelago de Cabo Verde; 3.ª — e finalmente, que essas conclusões excluem a presumpção de as ilhas descobertas por Colombo pertencerem a um archipelago asiatico, como acreditava este navegador.

Estas conclusões, em seu conjuncto, fortalecem a convicção de que o monarcha portuguez, D. João II, mesmo antes dos descobrimentos effectuados por Colombo, já tinha conhecimento da existencia de terras continentaes entre Europa e Asia, no occidente atlantico. Com efeito, se assim não fosse, ter-se-ia o Principe Perfeito conformado, a principio com os projectos de Toscanelli—Colombo—Monetario, e depois com o Bréve de 4 de maio de 1493, do Papa Alexandre VI, que determinava a demarcação de 100 leguas a oeste dos Açores e Cabo Verde, posto que esta determinação da Curia Romana já assegurava sufficientemente o caminho do Oriente pe-

la circumnavegação portugueza da Africa, que proseguia com tenacidade e franco successo. E tal foi a pertinacia portugueza na execução do periplo africano que, depois, em maio de 1498, Vasco da Gama aportou em Calecut, tendo seguido a sua róta livremente sem sair da zona determinada.

D. João II, porem, ao envéz de secundar os projectos que lhe foram apresentados, insistentemente os regeitou, e, longe de annuir á resolução pontificia, contra ella reclamou com vehemencia pelo que dizia respeito ao curso da linha divisoria.

A inspiração de D. João II, portanto, só podia originar-se do previo conhecimento de terras continentaes, a principio porque impossibilitavam as communicações entre a Europa e Asia, directamente pelo Atlantico, e depois porque a bulla papal impossibilitava a posse dessas terras que ficavam fóra da zona determinada. As reclamações visavam claramente a posse dessas terras do occidente atlantico. Não se reclama o que não se sabe existir.

Assim, a these — *O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso?* —distribuida em sessão do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil por S M. o Imperador D. Pedro II, em 15 de dezembro de 1849, ao socio correspondente Joaquim Norberto de Sousa e Silva, e pelo mesmo desenvolvida em sessão de 6 e 20 de dezembro de 1850, acha-se hoje muito simplificada.

Joaquim Norberto, jogando com os dados conhecidos até então, concluia que o descobrimento do Brasil *não foi devido á imprevidencia.* Em revide desta opinião, original para a época, o poeta Gonçalves Dias em sessão de 26 de maio de

1854, d'aquelle Instituto, defendeu com ardor a these contraria da *casualidade*, com fundamento nas hypotheses suggeridas pelo eminente Humboldt no seu *Examen Critique*.

A questão de casualidade no descobrimento do Brasil, á luz de documentos de grande valia historica e de elementos novos recoltados no dominio scientifico, é hoje considerada pela critica como uma these extravagante, máu grado a opinião de autores eminentes, nacionaes e extrangeiros.

Como factor do descobrimento a casualidade tem modalidades distinctas que apreciaremos uma á uma.

Essas modalidades se reduzem ás hypotheses — *da tracção do vento, das correntes maritimas e do erro de rumo* — se bem que existam historiadores que, como João de Barros, Damião de Góes, Osorio e Castanheda, que não se pronunciaram a respeito dessas hypotheses e se limitam a referir —"*que desapparecida a caravela de Luiz Pirez esperou Pedro Alvares Cabral por ela dous dias, e aos 24 Dabril que foy derradeyra oytaua da Pascoa foy vista terra*". Lafitau, na sua *Conquête des port dans le noveau monde*, refere que Cabral "*se prit tellement au large pour eviter les calmes des côtes d'Afrique, que le 24 d'avril, il se trouva á la vue d'une terre inconnue*". Pero de Magalhães Gandavo, o nosso primeiro historiador, na sua *Historia da Provincia de Santa Cruz*, assim se exprime:— "*E depois de haver bonança, junta outra vez a fróta, em pégaram-se o mar, assi por fugirem das calmarias de Guiné que lhes podiam estrovar sua viagem, como por lhes ficar largo e poderem dobrar o Cabo de boa esperança. E avendo já hum mes que hiam naquella volta navegando com vento*

prospero, foram dar na costa desta Provincia . . .".

Como estes, muitos outros esclarecidos historiadores, motivam de modo diverso a arribada de Cabral ás terras de *Vera-Cruz*, mas dentre todos é de notar o philosopho Raynal que, na sua *Histoire philosophique e politique des etablissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, na parte referente ao Brasil, primeiro que todos empregou a expressão "*um feliz acaso*" para designar o facto do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, donde se originou a frequencia do emprego da palavra acaso e seus synonimos pelo escriptores posteriores.

A) — *a hypothese da tracção dos ventos*

Historicamente, o facto do descobrimento do Brasil está comprovado pela carta de Pero Vaz Caminha, "a primeira pagina de nossa historia", descoberta em 1807 na Torre do Tombo pelo padre Ayres do Casal; pela carta do "Mestre João" (*Johanes*) e pela relação do "Piloto Anonymo".

Nenhum destes documentos faz referencia á acção coerciva e insuperavel dos elementos que pudessem determinar uma direcção inopinada á frota de Cabral.

Na sua celebre carta, o escrivão da feitoria de Calecut, assim descreve a viagem: — ". . . e domingo xxij do dito mes aos x horas pouco mais ou menos ouuemos vista das ilhas de Cabo-Verde. s. da ilha de sam nicolaas, segundo dito de pero escolar piloto, e a noute seguinte aa segunda feira lhe amanheceo se perdeo da frota vaasco d atayde com a sua naao *sem hy auer tempo forte nem contrario pera poder seer*. fez o capitan suas deligencias para o achar a huuas e a outras

partes e nom pareçeo mais. *E assy seguimos nosso caminho por este mar de longo* ataa terça feira doitauas de pascoa que foram xxi dias d abril que topamos alguns synaaes de terra . . ."

Na hypothese de uma tempestade haver arrastado a fróta até ao littoral de Véra Cruz esse incidente teria sido registado na carta de Pero Vaz, como registou a perda da náu de Vasco d'Athayde *"sen hy auer tempo forte nem contrario para poder seer"*.

A carta a Mestre João, como a relação do Piloto Anonymo, tambem não registam incidente algum extraordinario que pudesse influir na direcção da fróta.

Neste particular, o illustre polygrapho João Ribeiro, no *Fabordão* (Rio-1910), assim se expressa:

> "E' util notar que o afastamento da frota de Cabral é excessivo, ainda mesmo contando para isso uma *longa tempestade* (lugar commum já hoje sem credito em varias lendas de descobrimento) da qual é extremamente curioso que não fale Vaz Caminha na sua carta.
>
> O mesmo silencio a respeito da *tempestade* (nesta conjunctura, acidente importante) guarda a outra relação anonyma que conhecemos pela versão italiana de Ramuzio.
>
> As palavras de Caminha *"seguimos nosso caminho por esse mar de longo até que topamos signaes de terra"* merecem mais detido commentario; para os antigos e ainda até os alvores da idade moderna, o rumo leste-oeste éra considerado de *longo*, porque até então as

maiores distancias extremas éram do oriente ao occidente ou vice-versa, attenta a configuração do mundo antigo que éra apenas uma zona do planeta, alongada, pois, n'aquelle sentido.

Hoje, na navegação atlantica poderia suppor-se que a *navegação de longo* seria a de norte-sul.

Outrora, a expressão equivalia ao *secudum mare* dos romanos. Sobre o meridiano contavam-se os graus de *ladeza* como diziam os antigos cosmographos portuguezes e aliás a sciencia moderna conserva as mesmas expressões antigas *longitude* (leste-oeste) e *latitude* (norte-sul)".

O tempo gasto (28 dias) na viagem de Cabo Verde ao littoral de Vera Cruz, comprova exhuberantemente que o trajecto foi feito em condições auspiciosas, posto que ainda hoje alguns navios gastam mais tempo nesse percurso. Demais, como observa o almirante J. J. da Fonseca: —"*Parece inadmissivel que, dentro de uma quantidade orçavel em 3 a 4 mil navegações* (nesse rumo) *realizadas até hoje do oriente para o occidente, saltasse para fóra da regra um só caso para excepção singular* ("Descobrimento do Brasil"—Rio-1895—pag. 21).

B)—*a hypothese da tracção das correntes maritimas*

Esta hypothese foi devidamente estudada pelo almirante J. J. da Fonseca (op. cit.) e pelo official de marinha de guerra portugueza, Baldaque da Silva que, na sua *Memoria* oppoz á versão do descobrimento imprevisto do Brasil os

mais irreductiveis argumentos technicos. para a demonstração cabal e irrefutavel da unica hypothese logica e verosimivel—um afastamento voluntario para oeste com o objectivo de tocar as terras da America Austral.

A corrente polar antartica (segundo o planispherio desenhado por A. Brué e revisto pelo eminente geographo E. Levasseur, membro do Inst. Geogr. de Paris), no oceano Atlantico, em direcção ao sul do continente africano, na long. oeste de Paris, de 4° p. m. m., e na lat. S de 42°, biparte-se, indo um ramal para leste em direcção ao sul da Melanesia e o outro na direcção sul-norte, ao longo da costa occidental da Africa até ás proximidades do golpho de Guiné; e seguindo a região equatorial, p. m. m. 16° long. occidental, torna-se a bipartir, seguindo um ramal para oeste, sobre a linha equatorial, passando ao norte de Fernão de Loronha ou Noronha, com direcção ás costas septentrionaes da America Austral, até ao golpho do Mexico onde toma o nome de Gulf-Stream, d'ahi proseguindo pela costa da America septentrional em direcção ao norte da Noruega; o outro ramal faz um longo circuito, a principio na direcção do sudoeste e depois na de sudeste, em direcção reversiva para a Africa. Este ramal, em seu circuito, proximo a linha do tropico de Capricornio, na long. approximada de 38° e 20° lat. sul, lança um braço na direcção de sudoeste que vae ter á embocadura do Rio da Prata e depois segue para o sul ao longo da costa da America Austral até confundir-se com a corrente polar antarctica, na long. approximada de 60° e na lat. de 54° S.

Este braço da corrente maritima lançado na direcção sudoeste impressionou a autores eminentes predispondo-os a acceitarem como verda-

deira a hypothese de ter sido arrastada a armada de Cabral pela tracção desta corrente maritima até Porto Seguro. Zeferino Candido, embora convicto da intencionalidade de Cabral em aportar em uma terra preconhecida, na sua obra *Brasil* affirma mesmo "*que o navegador que sahisse de Cabo Verde com a derrota com que sahiu o descobridor do Brasil, veria apparecer-lhe* (a terra brasileira) *á boréste, quando bolinasse á cata do ponto de reversão do seu premeditado rumo*".

O almirante J. J. da Fonseca, porem, judiciosamente observa que essa hypothese não é verdadeira, porquanto: — "vindo na bordada de sudoeste avistaria terras orientaes ao sul de Pernambuco, se não ao norte. Não as tendo avistado, é claro que vinha muito amarado e que, portanto, não foi arrastado para occidente por força das correntezas que, ao contrario, pouco ao sul do equador seguem de Africa e logo se recurvam ao longo da costa oriental do Brasil proseguindo para o sul, conformando-se com o littoral até aos 20° de latitude, ponto de onde começa a contra-correnteza; deduzindo-se afinal que o arrastamento seria evidentemente antes para o sul do que para o occidente. Repete-se a proposito a nota que anda impressa: — "Partindo de Santhiago a rumo de sussodoeste verdadeiro (22°30') passa-se umas 30 leguas ao mar do cabo de Santo Agostinho. Para chegar a Santo Agostinho, precisa-se de fazer rumo de 25° a 26° sudoeste verdadeiro; para demandar Mucuripe 3° 42' S. tem-se de fazer rumo de 40° sudoeste. Sabido que 22° 30' é sussodoeste verdadeiro, o mais ligeiro exame patenteia que 25° a 26° sudoeste se lhe approxima mais que 40° sudoeste".

Cabral aportou em Porto Seguro, na latitu-

de de 17°, consequentemente não podia ter sido arrastada a sua armada pela corrente brasileira do Atlantico por este ponto, mas na lat. approximada da costa de Pernambuco, na hypothese de não poderem os seus velereiros vencer a corrente— abrindo caminho para barlavento seguindo a derrota até Calecut.

c)—*A hypothese de um erro de rumo*

Esta hypothese não é menos precaria que as anteriores. A derrota de Cabral foi orientada pela agulha magnetica, e a esquadra ao sair de Lisbôa seguindo o rumo SSW., SW 1|4 S., S 1|4 SE, pouco mais ou menos, como éra de preceito da marinharia, passou entre as Canarias, como pelo archipelago de Cabo-Verde, sem erro de orientação, com exactidão mathematica. Sendo o desvio da agulha magnetica apenas de 5 a 10 gráus para leste, não é possivel explicar o immenso desvio da esquadra para o occidente, sem que houvesse animo deliberado para isso, quando é certo que na esquadra viajavam Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho, que tinham sido companheiros de Vasco da Gama e Duarte Pacheco, perfeitos conhecedores da derrota seguida por esse illustre capitão-mór na sua viagem ao Oriente.

A este respeito Baldaque da Silva, observa: "cortando a linha a oeste das ilhas de Cabo-Verde e seguindo para o sul muito ao poente pelo meridiano de 30°, a oeste de Greenwich, com destino a montar o cabo de Bôa-Esperança, seria preciso uma corrente aerea ou maritima constante, ou um erro systematico para oeste, de dez milhas diarias, durante quinze dias, para desviar a fróta tanto para o occidente".

Isto posto, a unica hypothese acceitavel sob

o ponto de vista technico é a de um desvio propositado.

Capistrano de Abreu, nos Prolegomenos ao liv. 1.º, do Fr. Vicente de Salvador, edição de 1918, assim se expressa sobre a these de J. Norberto: "A questão da não casualidade é dupla. Implica que antes de Cabral, algum europeu, portuguez ou não, já estivera no Brasil? E' bem possivel. Significa que Cabral modificou o roteiro de Vasco da Gama, preferindo o de Colombo no hemispherio sul? Não é impossivel nem seria novidade. "Muitas opiniões houve nestes reinos de Portugal nos tempos passados entre alguns letrados acerca do descobrimento das Ethiopias, de Guiné e das Indias; porque uns diziam que não curassem de descobrir ao longo da costa do mar, *e que melhor seria irem pelo pégo, atravessando o golfão até topar em alguma terra da India ou visina della,* e por esta via se encurtaria o caminho"— escreve no cap. 4, liv. 3.º do *Esmeraldo de Situ Orbis,* Duarte Pacheco, companheiro de Cabral pag. 137 da edição de Epiphanio Dias, Lisbôa, 1905".

O conhecimento anterior a 1500 das terras firmes no occidente atlantico se deduz das exploraçõs dos navegadores hespanhóes ao sul de Pária, e da viagem de reconhecimento de Duarte Pacheco a que elle se refere no *Esmeraldo* (Liv. 1.º cap. 2.º), e se torna evidente pelo confronto das derrotas das expedições de 1497 e 1500, sendo certo que Allonso de Hojeda partiu da Hespanha em 1499 com recommendação expressa de não tocar nos territorios do dominio portuguez a que se refere o Tratado de Tordesillas.

A estas provas demonstrativas da intencionalidade do desvio de Cabral para o occidente, se deve juntar como argumento decisivo—o fa-

cto de Cabral ter passado com a sua esquadra á vista do archipelago de Cabo Verde sem parar, para metter aguada. Esta deliberação de Cabral é sufficiente por si só para demonstrar a certeza que elle tinha da existencia de terra firme no occidente, onde poderia supprir a esquadra de agua necessaria para a sua longa derrota até Calecut, pois, se assim não fôra, elle ver-se-ia forçado a retroceder para a costa d'Africa, a procura do precioso liquido. O almirante J. J. da Fonseca (op. cit.) observa: — *"se trazia Cabral mantimentos do Tejo para um anno, duro é tambem de apprehender o como as suas caravelas metteram aguada para tantos mezes, á razão de 60 mareantes por navio"*.

Esta judiciosa observação incide sobre o topico da carta de Pero Vaz de Caminha, onde este historiador da primeira pagina da nossa historia patria, narrando os episodios da chegada da esquadra em Vera-Cruz, diz: — *"E aa sesta pola manhãa aos biiy (8) oras pouco mais ou menos per conselhos dos pilotos mandou o capitam levantar ancoras e fazer vela e fomos de longo da costa com os batees e esquifes amarados per popa contra o norte pera veer se achauamos alguũa abrigada e boo pouso onde jouuesemos pera tomar agoa e lenha"*.

Deante destas considerações fundadas em copiosa documentação, a conclusão que se impõe é a que chegára João Ribeiro quando affirma: — "Não é possivel mais admittir que a descoberta do Brasil foi resultado accidental e de méro acaso, como por tantos seculos se repetiu. Esse problema importantissimo, e nem se póde imaginar outro mais importante, ainda considerado fóra da nossa historia, na mesma historia do mundo, foi resolvido principalmente pela pu-

blicação do *Esmeraldo de Situ Orbis*. Lá se verá mais de uma vez que o rei de Portugal havia commettido aos seus marinheiros a empreza de revelar o extremo occidente, e della Pedro Alvares Cabral, o primeiro ou segundo, recebeu essa incumbencia, e depois das proprias palavras de Caminha, quando affirma que *seguiram a derrota pelo mar de longo*, a phrase ignorada, quando tardiamente foi lida nos archivos, já não offerece duvida. O *mar de longo* é o do occidente. Duarte Pacheco, o heroe da India, companheiro de Cabral e auctor do *Esmeraldo*, fallando dos taes portos do antigo mundo, accrescenta: — "*e a quarta parte que Vossa Alteza mandou descobrir alem do oceano*" (*O Fabordão*, Rio, 1910).

A missão de Cabral foi dupla: tomar posse effectiva da nova terra ao occidente do Atlantico para a corôa portugueza e seguir em demanda das Indias, até Calecut onde deveria fundar uma feitoria, o primeiro pegão do imperio luso-indiano.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA